

ESTATUETAS DE ARTE NATURAL (ALRUNAS) DIGNAS DE FIGURAR NUM MUSEU DE ARTE MODERNA.

Chamamos “Arte Natural” a estatuetas com forma humana feitas de raízes, tocos e galhos de vegetais, que se encontram na natureza já esboçadas e quase pré-figuradas.

As estatuetas de Arte Natural só em parte foram produzidos pela natureza, pois ela fornece apenas a matéria e o motivo. A maior parte é do Artista humano que deve retocar o que a natureza produziu.

Muitas vezes nessa matéria bruta, o artista enxerga com olhar infalível uma figura grotesca. Começa então a revelar (como uma chapa fotográfica) mediante seus instrumentos de entalhação, como sejam o buril e o estilete, uma figura variável, de acôrdo com os membros e a posição que o material sugere. O artista dotado de imaginação e tinó pode comunicar, desta forma, à matéria inerte uma nova existência de uma figura humana ou animal. Em geral, só é necessário cinzelar a cabeça e um ligeiro retoque no tronco, pernas e mãos, mas os pés ficam atrofiados devido à natureza das raízes que terminam em ponta.

Na mão de um artista hábil a natureza quase que começa a falar, quando tira da vida potencial um calunga com sua fisionomia particular.

A Arte Natural pode aproveitar e transformar tanto tocos, ramos e galhos, como raízes que servem para o fim almejado. Todavia, nós escolhemos tão somente estatuetas antropomorfas feitas de raízes.

Estas estatuetas são chamadas também “alrunas”. O material usado para tal fim era originariamente a raiz da Mandragora, a qual é lenhosa e quase sempre se divide em duas, a ponto de sugerir uma vaga forma humana. Foi essa forma da raiz (comum nesta planta) que deu origem às alrunas. Mas foram e ainda são usadas para êsse fim raízes de outras plantas, como as da Bryonia, Allium e Panax e muitas outras plan-

tas que apresentam a raiz bipartida. Servem desta forma as raízes de muitas plantas, como indicaremos mais adiante, nos casos que foi possível descobrir.

*

A estatuetas antropomorfas que exibimos foram criadas por vários artistas e se acham no Museu Florestal ou alhures.

O artista mais célebre neste ramo de arte é W. Lehmann, da Suíça, sôbre cuja obra Robert Lejeune publicou um livro.

Êste artista aproveita não sòmente raízes, mas também cole e caule, criando figuras bem interessantes, das quais reproduzimos algumas que foram feitas de raízes.

No Brasil, conhecem-se desde 1936 essas figuras antropomorfas. Foi iniciado êsse trabalho pelo ucraniano M. Korchowski para o Museu Florestal de São Paulo. Entre os vários objetos de Arte Natural, para os quais aproveitou tocos e toras, escolhemos também sòmente os objetos antropomorfos feitos de raízes.

Uma dessas figuras se deve ao entalhador A. Oppido que, com mão feliz e entendimento perfeito, criou a estatueta de um aleijado sem braços e com uma só perna.

Últimamente surgiu, entre nós, mais um dêesses artistas que sabem dar vida a objetos inertes e toscos e criar uma arte que foi muito admirada na exposição realizada na Galeria Prestes Maia. O artista é o Sr. José Vaz Pupo Nogueira. A matéria prima todavia era tirada de galhos de árvores e não de raízes. Por êste motivo não incluímos nenhum dos seus trabalhos, porque nosso objetivo se limita às figuras oriundas de raízes.

*

O documentário dêste trabalho consta de 17 figuras dêesses três artistas. Lehmann, espírito observador, dotado de uma rica imaginação, aliada ao amor e familiaridade com a natureza, chegou a criar numerosas figuras que, ocultas no seio da natureza, tomaram forma e vida, sob as suas mãos habilíssimas.

Há entre elas duendes, trasgos, diabretes, gnomos e faunos, algumas com fisionomia risonha e outros carrancudos, com ares de escárneo e ironia, prontos para as suas travessuras e diabruras. Suas risadas sarcásticas são dirigidas contra os homens que diante dêeles desfilam apressados ou se arrastam acabrunhados no seu pessimismo. Essas risadas às vê-

zes se transformam em zombaria quando escarnecem de tais homens nas suas extravagâncias grotescas, imitando, por exemplo, a sua marcha com fisionomia grave e pose severa (figs. 1 a 4).

Às vêzes a travessura dêsses duendes se exprime em danças, lançando a perna a tal altura que forma quase dois ângulos retos (fig. 5). Um outro, com seus volteios arriscados graciosamente executados, lembra uma daquelas figurinhas venezianas de vidro (fig. 6), e uma dançarina, com seus giros ritmados rodopia tão depressa que tronco e pernas formam como que um pião em torvelinho (fig. 7).

A fig. 8 representa um Mefisto que está empenhando-se em aferrar o homem à matéria, tentando enganá-lo àcerca do real sentido da vida.

A fig. 9 lembra Sócrates, o filósofo grego, que procurou conduzir os homens ao conhecimento de si mesmos, com seu ensino sábio, um tanto irônico.

A fig. 10 é a corporificação de um vagabundo, cuja fisionomia, um misto de cinismo e timidez, corresponde bem a sua atitude de bajulação.

Um sábio (fig. 11) com gestos de professor, faz suas exortações aos homens, advertindo-os para evitar o mau caminho. Sua fisionomia evidencia ciência profunda àcerca do destino do homem e suas feições ascéticas lhe dão o devido vigor. Sua mão é mutilada, mas eleva os três dedos que lhe ficaram para esconjurar seus ouvintes.

A fig. 12 mostra um semeador que espalha em largo gesto seus grãos, tendo prêso ao colo o saco; é um símbolo de um mundo melhor e mais belo, na esperança de que suas sementes germinem e as plantas cresçam e frutifiquem.

A fig. 13, uma figura de mulher, lembra uma sílfide ou fada que ostenta grande beleza, símbolo do bem e da pureza.

*

Os artistas do Museu Florestal que não ficam atrás de Lehmann, criaram as seguintes estatuetas:

Uma raiz de pinheiro do Paraná sugeriu ao Sr. Antônio Oppido a idéia de representar um lenhador que no afã do seu trabalho na derrubada teve a infelicidade de perder uma perna, um braço e uma mão ficando completamente aleijado. A fisionomia, entretanto, é de um estóico, pois parece que não se sente tão infeliz como de fato é, dependente que fica dos outros em tudo, como comer, vestir, locomover-se (fig. 14).

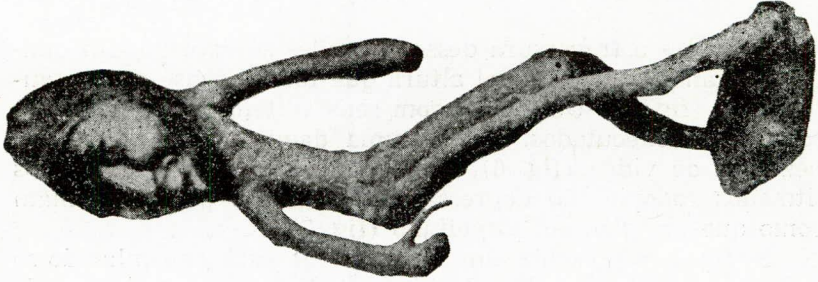


FIG. 2.

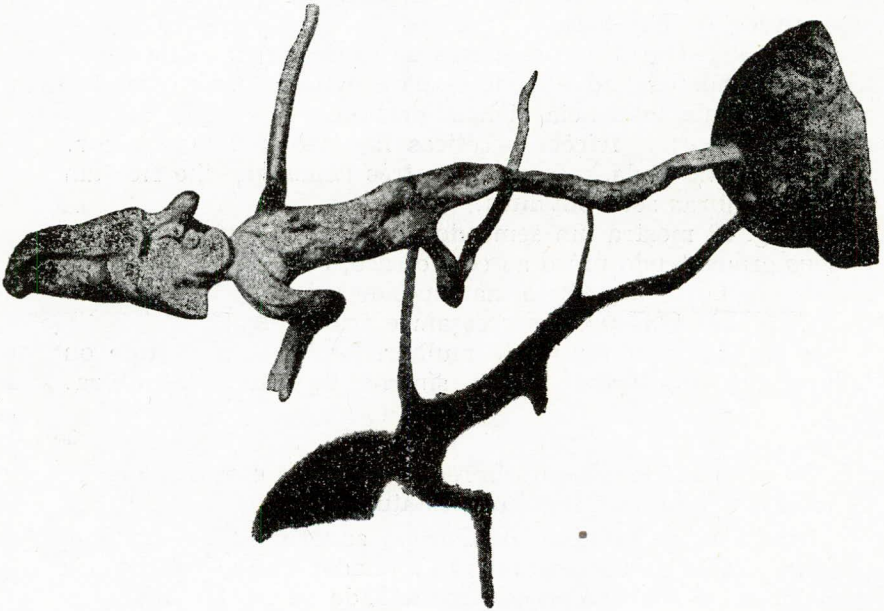


FIG. 1.



Fig. 4.

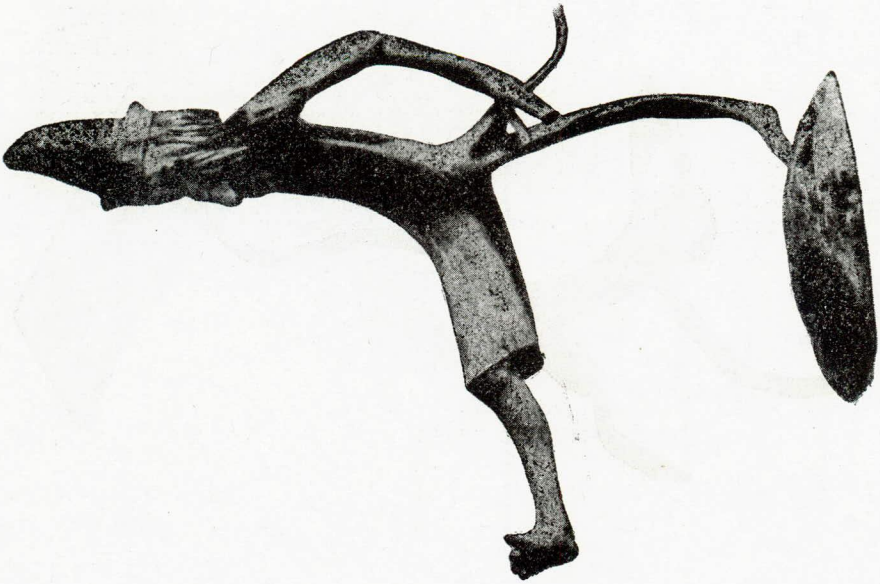


Fig. 3.

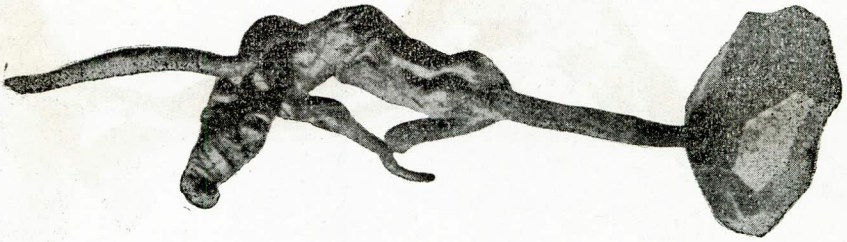


Fig. 6.



Fig. 5.

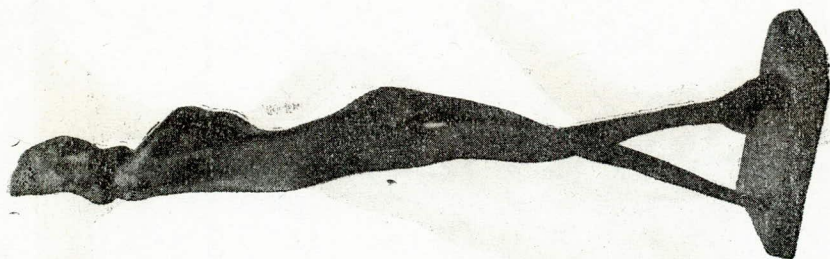


Fig. 8.

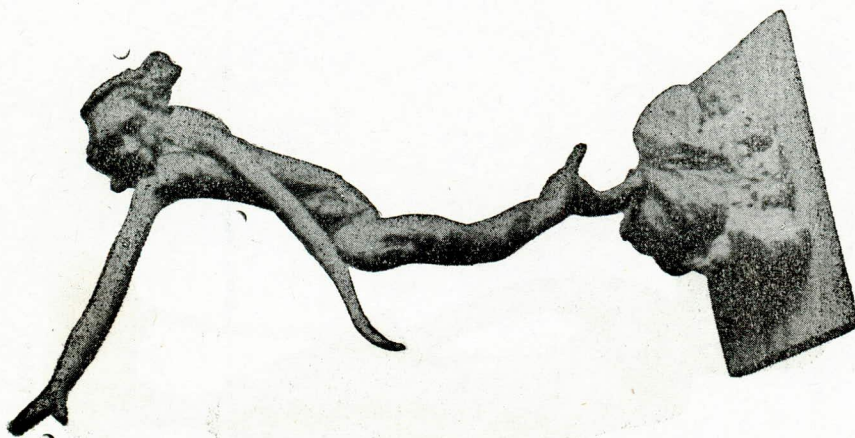


Fig. 7.

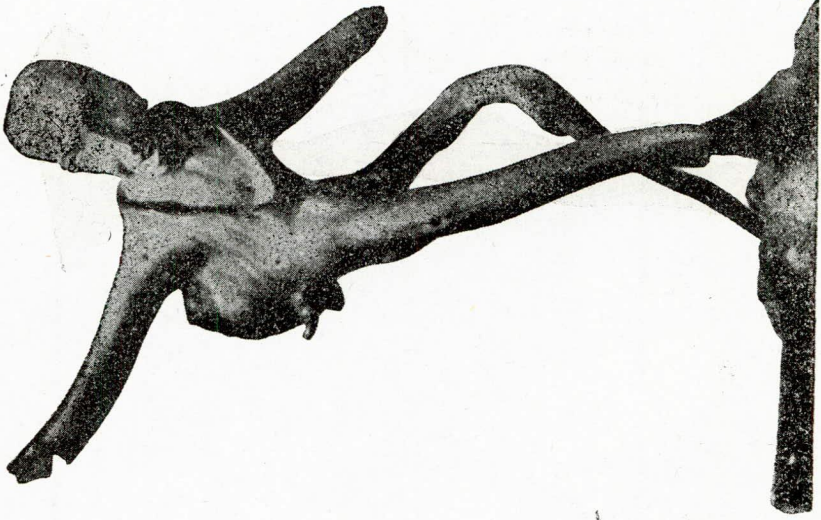


Fig. 10.

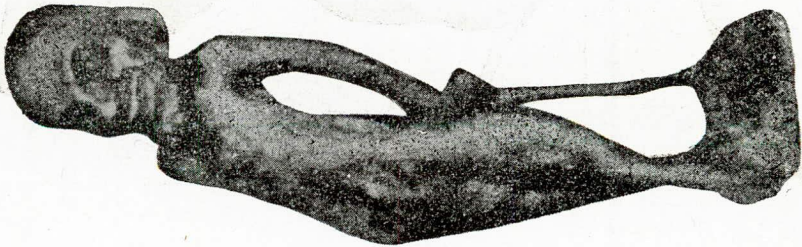


Fig. 9.

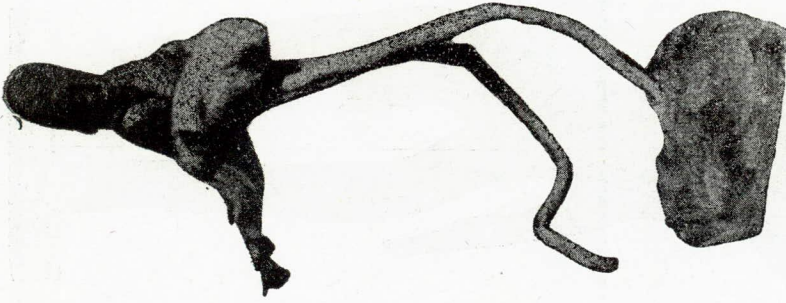


Fig. 12.

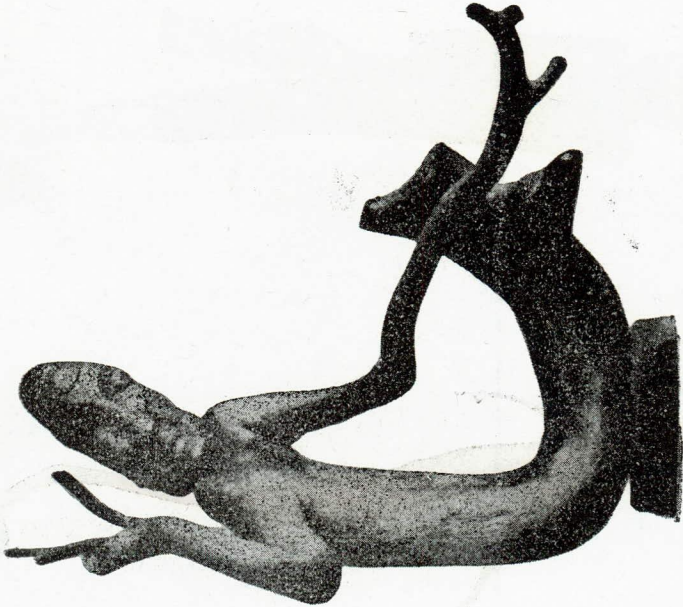


Fig. 11.

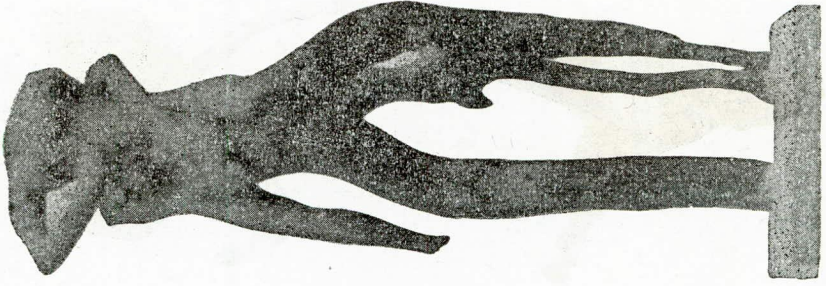


Fig. 15.

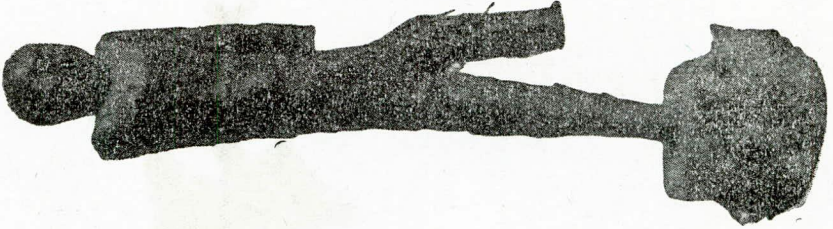


Fig. 14.

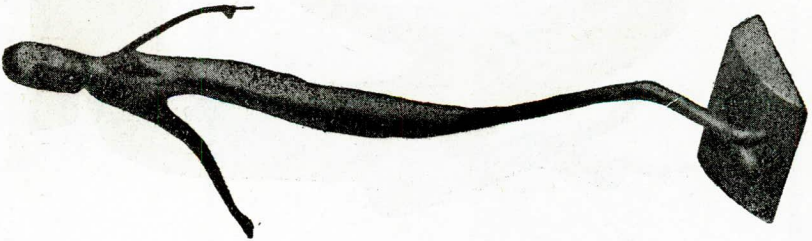


Fig. 13.

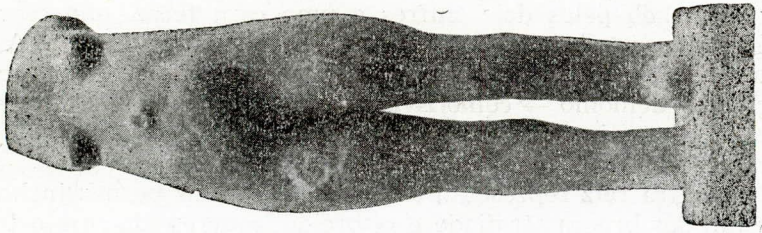


Fig. 17.

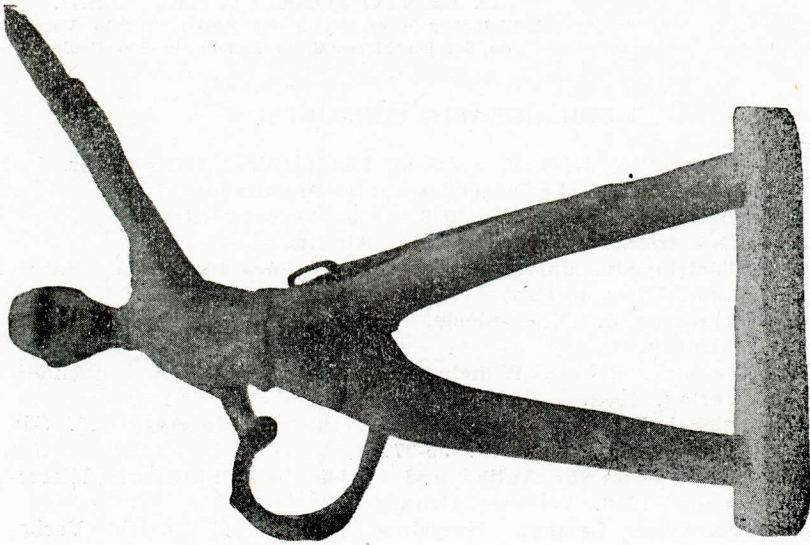


Fig. 16.

De uma raiz de laranjeira, que era um aglomerado de raízes menores, o sr. Korchowski fêz uma peça dupla, interessante, individualizando duas pessoas, a saber, o demônio, caracterizado pelos dois chifres e uma cara feroz, que carrega às costas uma mulher ou, antes, um torso de mulher. A interpretação dêste grupo é que a mulher cedendo às solicitações do demônio — como Eva no paraíso quando esta perdeu a cabeça — caiu nas garras do negregado Satanás e foi por êle carregada (fig. 15).

Outra raiz representa um soldado com as pernas inchadas e um dos braços atrofiado e retorcido, condescido com o tronco. E' contudo combativo e valente (fig. 16).

Finalmente, um torso de mulher, com apenas o tronco e as pernas, mas desprovido de braços (fig. 17).

No Museu Florestal há ainda outros objetos de "Arte Natural", algumas feitas de tocos e outras de raízes aéreas (pneumatóforos) do Pinheiro do brejo (*Taxodium distichum*) que se presta admiravelmente para calungas dignas de figurar num Museu de Arte Moderna em secção própria.

D. BENTO JOSE' PICKEL, O.S.B.

Ex-Biologista e ex-Diretor do Museu "Otávio Vecchi" do Serviço Florestal do Estado de São Paulo.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.

1. — Constantin, J. et F. Faideau, **Les plantes**. Paris. Libr. Larousse. 1922. **Les légendes sur la Mandragora**.
2. — **Der grosse Brockhaus** 1928. 1953. Verbete: **Alrun**.
3. — **Des grosse Herder**. Verbete: **Alraun**.
4. — **Enciclopédia universal ilustrada europeu-americana**. Barcelona. Hijos de Espasa, Edit. Verbete: **Alrunes**.
6. — **Larousse du XXe Siècle**. Paris. Libr. Larousse. Verbete: **Alrunes**.
7. — Lejeune, Robert, **Wilhelm Lehmann**. St. Gallen. Tschudi-Verlag. 1952.
8. — Pickel, D. Bento José, **Alrunas**. In: "Mundo Agricola". São Paulo. 1957. Outubro. 35-37.
9. — **Reallexikon für Antike und Christentum**. Stuttgart. Hiersemann. 1950. Verbete: **Alrun**.
10. — **Schweizer Lexikon**. Encyclos Verlag A. G. Zurich. Verbe- te: **Der Alraun**.
11. — Starck, A. T. **Handwörterbuch des dt. Aberglaubens**. Balti- more. 1917.